

Luiz Fernando Wlian

Universidade Estadual
Paulista Júlio de Mesquita
Filho - UNESP
ORCID: 0000-0003-4998-9262
Email: luizwlian@gmail.com



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

A alma sensível e as emoções políticas

The sensitive soul and political emotions

WLIAN, L. F. A alma sensível e as emoções políticas. Revista Eco-
Pós, v. 25, n.2, p.388-397.
<https://doi.org/10.29146/ecops.v25i2.27959>.

Dossiê **O Choque dos Acontecimentos: Retórica e Política das Comoções Públicas**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 25, n. 2, 2022

DOI: 10.29146/ecops.v25i2.27959

RESUMO

Resenha de *História das emoções, volume 2 – das Luzes até o final do século XIX*, sob a direção de Alain Corbin; Jean-Jacques Courtine; Georges Vigarello (Petrópolis/ RJ: Vozes, 2020). O volume 2 de um conjunto de três tomos, reúne textos de diversos pesquisadores, majoritariamente franceses, que investigam a história das emoções de período que vai do século das Luzes ao fim do séc. XIX, tendo a Revolução Francesa e as emoções políticas como importante epicentro.

PALAVRAS-CHAVE: *Emoções; Emoções Políticas; Revolução Francesa; História do Ocidente.*

ABSTRACT

Review of *História das emoções, volume 2 – das Luzes até o final do século XIX*, directed by Alain Corbin; Jean-Jacques Courtine; Georges Vigarello (Petrópolis/ RJ: Vozes, 2020). Volume 2 of a set of three volumes, brings together texts by several researchers, mostly French, who investigate the History of emotions from the Enlightenment to the end of the 19th century, having the French Revolution and political emotions as a relevant epicenter.

KEYWORDS: *Emotions; Political Emotions; French Revolution; Western History.*

RESUMEN

Reseña de *História das emoções, volume 2 – das Luzes até o final do século XIX*, bajo la dirección de Alain Corbin; Jean-Jacques Courtine; Georges Vigarello (Petrópolis/ RJ: Vozes, 2020). El volumen 2 de un conjunto de tres volúmenes, reúne textos de varios investigadores, en su mayoría franceses, que investigan la Historia de las emociones desde el período de la Ilustración hasta finales del siglo XIX, con la Revolución Francesa y las emociones políticas como epicentro importante.

PALABRAS CLAVE: *Emociones; Emociones Políticas; Revolución Francesa; Historia del Occidente.*

Submetido em 24 de Agosto de 2022

Aceito em 05 de Outubro de 2022

Introdução

“As emoções pertencem à humanidade [...]. Elas se reconhecem, se compreendem, tão evidentes que parecem existir fora do tempo” – ao partirem dessa premissa, no início da obra *História das emoções*, Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello apresentam seu grandiloquente projeto, que desde o início busca, justamente, localizar as emoções no tempo, dar-lhes seu caráter histórico e observar, criticamente, as características de suas aparições e dos eventos históricos por elas permeados. Decerto que se trata de projeto ambicioso, como duas proeminentes obras anteriores: *História do corpo* e *História da virilidade*. *História das emoções*, por sua vez, mostra uma coletânea densa que transcorre larga passagem de tempo: da Antiguidade aos dias de hoje. Cada tomo cuida de determinado período: *Da Antiguidade às Luzes* (vol. 1); *Das Luzes até o final do séc. XIX* (vol. 2); *Do final do séc. XIX até hoje* (vol. 3). Todos esses são observados por importantes nomes da historiografia – a somar com os próprios organizadores –, que entregam análises de profundidade e argúcia.

O volume 1 da obra aborda um período muitíssimo amplo e – talvez por isso – traz uma maior diversidade de vozes e fenômenos estudados em relação a seu subsequente. O volume 2, ao tomar um recorte de tempo de pouco menos de dois séculos, mergulha acuradamente em temas específicos que perpassam a modernidade ocidental, tendo na Revolução Francesa importante epicentro, especialmente no que tange a ascensão das emoções políticas, aspecto fulcral deste tomo. Alain Corbin, diretor do volume, enfatiza a importância dessas como mobilização afetiva que intensifica engajamentos e identidades políticas; emoções que, contudo, são largamente negligenciadas por historiadores.

Podemos situar os fenômenos aqui estudados não apenas na Europa Ocidental, mas, com certo destaque, na França. Logo ao início, Corbin apresenta um quadro cronológico com os principais episódios políticos que serão mencionados: em primeiro, a Revolução Francesa, seguida pelo fim do Antigo Regime, a Era Napoleônica e as diferentes fases da república. Assim, o texto é dividido em duas partes: a primeira cobre de 1730 à Revolução Francesa, e a segunda do período após a Revolução Francesa até a década de 1880.

Dossiê **O Choque dos Acontecimentos: Retórica e Política das Comoções Públicas**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 25, n. 2, 2022

DOI: 10.29146/ecops.v25i2.27959

O despertar da alma sensível, cuidadosamente traçado por Michel Delon, delinea a ascensão de toda uma gama lexical que vinha acontecendo a partir da primeira metade do séc. XVIII, com o surgimento de novos termos em torno da sensibilidade, esses que brotavam da necessidade de nomear determinados fenômenos. Termos como *sens*, *sensation*, *sensibilité*, *sentiment*, são enunciados na filosofia e na medicina, perpassando debates sobre a fisiologia – as qualidades do corpo humano – e a moral. O vocábulo *Émotion*, de Denis Diderot, é definido como “movimento ligeiro, no sentido físico e moral”. Vários neologismos são gradativamente integrados à terminologia conceitual das emoções e ganham solidez na literatura e demais escritos da época. Denis Diderot e Jean-Jacques Rousseau, dentre muitos pensadores, destacam-se em buscar conceituações nesse crescente vocabulário da sensibilidade. Verifica-se também nessa “alma sensível” uma tentativa de compreender as emoções pela via dos sentidos – visão, tato, paladar, audição, olfato. É no âmbito dos sentidos que residiria certa valorização do mínimo e do sutil, como os efeitos da música na reminiscência e na memória sensorial, comentado por Rousseau; os odores que provocam a emoção e a lembrança do caminhante, na obra *Observações feitas nos Pireneus*, de L.F. Ramond de Carbonnières (1789); a metonímia do farfalhar do tecido de vestido, que personifica a mulher, em *Valérie* (1803) de Madame de Krüdener. Em contraste, percebe-se uma busca de intensidade que chama a atenção de escritores à época, por seu caráter de esgarçamento da sensibilidade, este que entraria em choque com a moral social. A saturação da sensibilidade, mobilizada no corpo, tende a borrar e ultrapassar os limites das regras sociais. Marquês de Sade é proeminente nesse sentido, ao levar ao máximo a premissa de que a intensidade está do lado dos afetos pervertidos, algo materializado em sua obra *História de Juliette, ou As Fruições do Vício*, de 1797. A observância para com as emoções oscila entre sua expansão e contenção, sobretudo por conta de uma preocupação em moralizar as intensidades – presente, por exemplo, em Diderot.

Essa terminologia em ascensão, bem como a necessidade de manifestá-la, aloca-se em contexto histórico que responde – de formas diversas e com suas tensões e ambiguidades – à racionalidade do século das Luzes. O *sublime*, notoriamente trabalhado por Kant, destaca-se nesse momento. Talvez em débito com esse conceito estejam os textos de Alain Corbin, Serge

Briffaud e Anouchka Vasak a respeito do ser humano defronte ao espetáculo da natureza e as emoções, individuais e coletivas, balizadas daí. Da descoberta das montanhas e litorais marítimos pelas elites do Ocidente – explanada por Briffaud – ao surgimento do “eu meteorológico”, observa-se como fenômenos naturais e climáticos – frio, neve, tempestades etc. – aparecem de modo a descrever, ou corporificar, emoções, algo registrado na literatura, em diários íntimos e na escrita epistolar. A influência das vicissitudes meteorológicas sobre o eu, que implicam no “eu meteorológico”, afirma como os fenômenos naturais refletem a variabilidade do sujeito. O “eu meteorológico”, enunciado por Rousseau e utilizado por muitos autores – especialmente de diários íntimos – é analisado por Corbin em sua dimensão individual, e ampliado à sua dimensão coletiva por Vasak, que traça um terreno historiográfico impingido pela meteorologia, conectando-a às emoções da Revolução Francesa. Nota-se como fenômenos climáticos ajudam a corporificar a Revolução nas sensações e imaginário coletivos.

O texto mais denso a abordar a Revolução, contudo, atribui-se a Guillaume Mazeau. Ao abordar as emoções políticas, o historiador engloba uma gama de emoções, não raro contraditórias, que permearam o momento de maior conturbação histórica do período. O inventário de emoções coletivas diante da radicalização revolucionária atravessa a exaltação e a exaustão, as cóleras e os terrores, o medo, o amor, o sofrimento, o ódio. Mistura febril que deixa a lembrança de um episódio emocionalmente incomparável. Vê-se contraste entre as paixões coletivas, mobilizadas pelas classes populares, e a retenção das emoções como marcador político de distinção dos mais “moderados”. Verificam-se expectativas altas convertidas em cansaço, ressentimento e melancolia. Testemunham-se ímpetos de amor e afeição coletivos, que passam pelo compartilhamento da excitação e do medo. Nota-se, ainda, o favorecimento de encontros amorosos e relativa liberdade sexual. A revolução transborda atos de paixão intensa e dolorosa em medida similar a atos de imensa crueldade. O “espetáculo” da guilhotina – também analisado por Anne Carol, que abre a segunda parte da obra – serve aos espectadores dose equilibrada de gozo e temor diante da “regeneração coletiva”. A guilhotina é duplamente pensada para ser um teatro edificante à população, mediante o castigo aos inimigos da Revolução, e concomitantemente um ato desestabilizador, mediante a decapitação pública.

Dossiê **O Choque dos Acontecimentos: Retórica e Política das Comoções Públicas**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 25, n. 2, 2022

DOI: 10.29146/ecops.v25i2.27959

Diversos instrumentos de morte e tortura começam a ser questionados nos aparelhos penais a partir da segunda metade do séc. XVIII, como nos conta Carol. A rejeição aos suplícios bárbaros e aos grandes sofrimentos infligidos ao corpo passam a ser rejeitados por uma Europa “esclarecida”, em que se debate a eficácia moral da pena de morte e da exposição pública do sofrimento do condenado. A guilhotina, num primeiro momento, surge como “suplício humanizado”, uma morte rápida, que também seria posta em xeque no decorrer do séc. XIX, já passada a Revolução. O cerne do debate sobre a crueldade penal está em seu efeito sensível, contudo se preocupa menos com a sensibilidade do condenado do que com as percepções dos espectadores; as emoções destes são o ponto alto ao qual se direciona o espetáculo do sofrimento e o teatro edificante do séc. XIX.

A escrita íntima e as emoções de leitura são problema discutido por Judith Lyon-Caen. Da revelação do “eu” em diários e cartas, que evoca o “barômetro da alma” de Rousseau, à literatura do Romantismo e o “mal do século”, vemos no séc. XIX, sobretudo a partir de 1820, a proliferação de “emoções românticas” dispostas em palavra. A autora expõe a ambiguidade de tais emoções, que reside no fato delas, por um lado, exaltarem sentimentos, mas, por outro, provirem de modelos literários prontos, com terminologia, muitas vezes, prosaica e desprovida das emoções propriamente ditas. Torna-se “fácil” expressar emoções à medida que se erige vocabulário para tal – nos passos do crescimento da alfabetização e da leitura na Europa –, e assim a literatura forja uma nova gramática das emoções, mesmo que estas não sejam, de fato, sentidas. O Romantismo – o amor ao modo do jovem Werther – torna-se exemplar para a produção de uma “alma escrita” e para a geração de escritores pós-Revolução, a exemplo de um jovem Flaubert, inspirado por Goethe e Byron.

A vida sexual é matéria de destaque em mais um capítulo de Alain Corbin, que se debruça sobre as investigações médicas diante das emoções ligadas ao sexo. Os estudos da medicina clínica, mais do que a literatura erótica ou mesmo os escritos íntimos, fornecem abundantes precisões sobre a natureza das emoções sexuais. Eles investigam as funções genitais, seus usos, como promovem sensações, espasmos, movimentos do corpo e, por conseguinte, emoções. Algumas das indagações residem nas origens do orgasmo, na natureza do prazer feminino e no

Dossiê **O Choque dos Acontecimentos: Retórica e Política das Comoções Públicas**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 25, n. 2, 2022

DOI: 10.29146/ecops.v25i2.27959

papel do clitóris. De um ponto de vista moral, o séc. XIX afrouxa a proibição relativa a métodos contraceptivos. De um ponto de vista científico e discursivo, intensificam-se as intervenções médicas na vida sexual das pessoas, pelo veto ou recomendação de determinados comportamentos, que abrem caminho à produção e controle das emoções do sexo e de uma protossexologia, estudada por autores como Michel Foucault.

O sexo também está presente na contribuição de Agnès Walch, que se debruça de forma ampla sobre as emoções da esfera privada. Da sexualização das emoções a uma sexualidade passional, a autora perpassa diversos domínios da vida íntima atravessada por imperativos da sociedade burguesa por sobre as emoções. As emoções privadas deveriam espelhar as emoções políticas no que tange o advento do homem virtuoso por excelência. A “comédia humana” de Balzac trata justamente do mundo como um grande teatro no qual as emoções deveriam ser contidas e reservadas ao âmbito privado. O refúgio familiar, as relações parentais, a expressividade dos escritos femininos, os relatos autobiográficos que se erigem em maior vazão no séc. XIX retratam uma nova esfera da intimidade e suas emoções, bem como as restrições burguesas a essas.

As emoções paroxísticas do soldado e os entusiasmos de guerra, investigados por Hervé Mazurel, contradizem certa crença histórica de que o séc. XIX foi um século pouco bélico, em relação à “era dos extremos” descrita por Eric Hobsbawm. O gosto pela guerra no período é hiperbólico, com fervores patrióticos e afirmação nacional que incita à destruição do inimigo e ao desejo de conquista, o que também imprime caráter colonialista em tais emoções. As expedições europeias à África e Ásia propiciam ao soldado o disciplinamento de seu corpo diante do perigo, algo experienciado, por exemplo, nas caçadas, destrinchadas por Sylvain Venayre. Além de representar a busca por emoções fortes, a caçada se faz como espaço em que o homem afirma sua identidade masculina e seu poder civilizatório por sobre o mundo selvagem. Ademais, é no confronto com o animal selvagem e seu assassinato que o homem aprende a dominar seu medo, manejar armas, desenvolver técnicas de emboscada e deslocar-se em terreno desconhecido. Sendo uma prática notoriamente reservada a homens aristocratas e soldados, a

caçada, bem como o fascínio pelo animal selvagem, demarcam a experiência emocional das colonizações da Europa além-mar.

Corine Legoy retoma o tema das emoções políticas, situando-as em contexto posterior à Revolução, ao elucidar como os sentimentos ligados à adesão, ao assentimento do poder, produzem novas emoções políticas no séc. XIX. Este século é proeminente em deslocar o termo “entusiasmo” de sua origem na arte e na religião para assentá-lo no campo político, reconfiguração essa indissociável da renovação afetiva da política que, por sua vez, resulta de forças contraditórias: do Iluminismo e seu primado da razão, do qual deriva a sua temível e perturbadora oposição – a “doença do entusiasmo”, como pontua Voltaire –; e da Revolução Francesa e seus superlativos entusiasmos políticos.

As emoções políticas também dão corpo às emoções de protesto, trabalhadas por Emmanuel Fureix, que se indaga sobre as mudanças na forma de protestar entre 1800 e 1880. Ao assumir possíveis dificuldades em propor respostas, o historiador traça alguns caminhos: comenta as “emoções populares”, as passeatas, insurreições e barricadas; os “protestos informais”, ritualizados e com violência contida; as emoções vividas à distância, em solidariedade à rebelião de povos oprimidos, que compõem um “cosmopolitismo da indignação”.

Adentrando uma outra seara, Guillaume Cuchet estuda as renovações da afetividade religiosa, especialmente de matriz católica, muito influente na sociedade francesa. A sensibilidade moderna remexe nas práticas espirituais, de modo que a promover um jogo dialético: uma “evolução social” pode conter algo de “religioso” e uma “evolução religiosa” pode abarcar e refletir as modificações sociais. Nesse ínterim, debate-se as mudanças da “pastoral do medo”, que constrói a imagem de Deus como um juiz temível. Tal figura começa a dar lugar a um Deus pai misericordioso, conforme a “pastoral do medo” encontra progressiva degenerescência, apesar de seus contrastes e limites. O inferno se torna menos amedrontador, e a crença no purgatório se renova. O imperativo do batismo em bebês também se abranda. O culto aos mortos e os rituais de luto ganham novas roupagens. O culto marial – a adoração à Virgem Maria – infla-se bastante, sobretudo entre 1820 e 1880.

O ensaio de Olivier Bara mergulha no campo do espetáculo e nas emoções promovidas por ele. O século XIX assiste ao desenvolvimento estilístico e técnico das artes cênicas; toma nota de suas qualidades pedagógicas, bem apontadas por Bara ao analisar, por exemplo, a ascensão do melodrama e sua pertença ao *modus operandi* burguês. O lamurioso “drama burguês” mobiliza uma estética e uma ética que conduz o público a reencontrar sua humanidade na partilha lacrimal. O melodrama, consolidado em torno de 1800, opera no campo das artes como instrumento moral e político na era pós-revolucionária, como catalisador de transformação política e social adequado aos novos públicos e à nova função moralizante do teatro.

Charles-François Mathis responde pelo último ensaio do volume, que trata das emoções suscitadas pela paisagem. Ao relembrar aspectos dos textos de Corbin, Briffaud e Vasak, deslocados para o séc. XIX, Mathis argui sobre como as emoções ganham novo aspecto, resultado das transformações socioeconômicas e da acelerada industrialização do período. A urbanização, as cidades, os novos meios de “reprodução da realidade” – como a fotografia – provocam mudanças profundas na sensibilidade, e a paisagem – espaço de apreciação estética – ganha novo *status*, especialmente nas artes. Se a ruptura do homem com a natureza, na transição do séc. XVIII ao XIX, torna essa última em objeto distanciado, no decorrer do séc. XIX tal cisão levará a um retorno reflexivo, dadas as potencialidades sensíveis da natureza, então descobertas. A arte exprime tais emoções na literatura e poesia – que ora demonstram arrebatamento, ora exprimem sofrimento, perda e nostalgia frente às paisagens naturais –, e também na pintura. As paisagens são como “arco de violino que faz a alma vibrar”, figura de Stendhal que se torna modelo dessas novas emoções – além de dar título ao ensaio. O avanço do século testemunha certa dissolução do sujeito sobre a natureza, de modo que ele passa a, cada vez mais, fundir-se a ela. As emoções impressas no artista que se envolve com a natureza parecem buscar certo desaparecimento do sujeito na paisagem. Temos no Impressionismo, e em seu elogio às paisagens, bom exemplo disso ao final desse período. Entretanto, tais qualidades sensíveis são exclusivas a uma elite intelectual e econômica, sendo que, para a classe operária, sob diversas opressões, a capacidade de sentir é embrutecida; o mundo moderno e as cidades entorpecem e coíbem esta classe de um “refinamento emocional”. Além disso, o “espetáculo da natureza” e o

desejo de a ela fundir-se também corrobora com uma “emoção nacional” – as belas paisagens do passado imemorial da pátria –, e não deixa de ter suas facetas colonialistas, suscitadas pelas viagens além-mar e a exploração do “exotismo” de novas paisagens.

O volume 2 de *História das Emoções* demonstra bastante fôlego e perspicácia diante dos fenômenos que analisa. Do surgimento da “alma sensível” ao progressivo avanço lexical em torno das emoções, de sua compreensão, produção e controle – que descambará, ao final do séc. XIX, na Psicologia como aparelho avaliativo de sensibilidades –, a obra desvela um quadro múltiplo do período histórico que propõe. Contudo, há de se salientar sua economia temática, quando comparado aos volumes antecessor e sucessor. Seu contexto majoritariamente francês, igualmente escrito por autores franceses, confere pouco frescor e raros contrapontos. É uma obra que, apesar de seu caráter diacrônico, pode ser referenciada pela multiplicidade de leituras “horizontais” – como sugerem os próprios organizadores, na introdução no volume 3 –, leituras que atravessam texto a texto e apreendem emoções em contextos diferentes. É uma obra sinuosa e oportuna, que unida aos outros volumes compõe excelente conjunto. A respeito da edição brasileira, pela editora Vozes, salienta-se sua qualidade, apesar da carência de melhor revisão textual, principalmente da escrita dos nomes dos autores.

Luiz Fernando Wlian -Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP
Professor e pesquisador em Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP, junto ao grupo de pesquisa MIDIAisthesis - Cultura Midiatizada e Experiência Estética. Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ (2019).
Email: luizwlian@gmail.com